



VIOLÊNCIA ENTRE MENINAS: OS DIZERES DE ALUNAS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE / MS

Juliana Cristina dos Santos Duarte^{ID¹}, Constantina Xavier Filha^{ID²}

Resumo: Discutir as relações de gênero na infância e problematizá-las nos aproximou da temática da violência entre meninas em suas dinâmicas relacionais, buscando entender que fatores podem vir a provocar esse tipo de violência, e como ela acontece. As fontes de pesquisa foram falas, textos e desenhos de alunas do terceiro ano do Ensino Fundamental. O referencial teórico do presente estudo foi o dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero. Como pressupostos metodológicos, foram realizadas entrevistas em escola pública, bem como, solicitação de realização de desenho, texto e a visualização de vídeos retirados da internet, fragmentos de filmes e posterior discussão sobre a temática da violência entre meninas. As falas das entrevistadas foram analisadas a partir do nosso referencial teórico, como forma de encontrarmos, na dinâmica das relações entre elas, discussões possíveis sobre a violência entre sujeitos do gênero feminino. Dentre as informações da pesquisa destacamos a violência que é permeada de valores sociais e é produzida na cultura. Isto nos aproxima de uma forma diferente de pensar o que é feminino, o que é ser menina, sobre as feminilidades, entendidas como múltipla a partir das discussões teóricas, pois, vêm se constituindo e se construindo socialmente, evidenciando que as relações entre meninas produzem subjetividades. Neste sentido o estudo de situações de violência entre meninas nos permitiu entender que existem feminilidades diversas construídas a partir do contexto social de cada uma delas.

Palavras-chave: Violência entre meninas. Gênero. Feminilidade.

VIOLENCE BETWEEN GIRLS: THE SAYING OF THIRD-YEAR STUDENTS OF SCHOOL FUNDAMENTAL SCHOOL IN CAMPO GRANDE / MS

Abstract: Discussing gender relations in childhood and problematizing them brought us closer to the issue of violence among girls in their

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Participante do GEPSEX – Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Educação e Gênero – CNPq/UFMS. E-mail: julianaduarte@ufms.br

²Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo – FEUSP. Atua na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação (CPAN/UFMS). Líder/coordenadora do GEPSEX. E-mail: tinaxav@gmail.com



relational dynamics, seeking to understand what causes this type of violence and how it happens. The research sources were speeches, texts and drawings of girls from the third year of elementary school. The theoretical framework of this study was Cultural Studies and Gender Studies. As methodological assumptions, interviews were conducted with girls in a public school, as well as the request for drawing, text and the viewing of videos taken from the internet, a film fragment and a subsequent discussion on the theme of violence among girls. The girls' speeches were analyzed from our theoretical framework, as a way of finding, in the dynamics of their relationships, possible discussions about violence between female subjects. Among the research information we highlight the violence that is permeated with social values and is produced in culture. This brings us closer to a different way of thinking about what is feminine, what it is to be a girl, about femininity that is understood as multiple, since it has been constituted and socially constructed, showing that relationships between girls produce subjectivities. In this sense, the study of situations of violence among girls allowed us to understand that there are diverse femininities constructed from the social context of each of them.

Keywords: Violence among girls. Genre. Femininity.

1. Introdução

O presente artigo tem por finalidade socializar e descrever as informações e discussões obtidas a partir de pesquisa com crianças, realizada como trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Educação e Gênero – GEPSEX, em 2017. O tema deste estudo foi violência entre meninas, nas vozes de crianças de uma escola municipal de Campo Grande/MS. Seu objeto foi a violência vivenciada por garotas em suas relações com seus pares, a partir da concepção das alunas do terceiro ano do Ensino Fundamental.

Iniciamos a pesquisa com o objetivo de apreender as falas das alunas com o intuito de entender a dinâmica existente nas relações entre meninas, e o que em suas relações pode culminar em atos de violência. Para que chegássemos ao tema de nossa pesquisa, nos reportamos a nossa experiência quando crianças na escola, visto que, a violência esteve presente em toda nossa trajetória no ensino regular, em nossas relações interpessoais na escola ela sempre foi percebida. Nas inimizades, nas amizades, nas discussões, nas brigas que às vezes envolviam violência física, entre outras situações.



Já na graduação, não nos distanciamos da temática da violência que pode ocorrer na escola, pois, pesquisar sobre violência começou a ser de nosso interesse. Em nossa primeira reunião a orientadora da pesquisa nos sugeriu ser mais específica em nosso tema, e nos falou sobre a violência entre meninas, tema que despertava seu interesse pessoal e de proposta de pesquisa. A partir de então, a temática a respeito da violência entre garotas na escola se tornou nosso tema de pesquisa.

Nossa problemática de estudo foi: “O que é considerado, pelas alunas, violência nas relações entre meninas?”. Além de socializar e descrever as informações e discussões obtidas a partir da pesquisa feita com as alunas, iremos neste artigo, descrever os caminhos percorridos para que chegássemos às informações e problematizações do estudo.

2. Percursos metodológicos

O primeiro ponto a ser destacado diz respeito ao fato de que, a presente pesquisa foi desenvolvida segundo a perspectiva pós-crítica, “[...] o mais potente desses modos de pesquisar é a alegria de ziguezaguear. Movimentamo-nos ziguezagueando no espaço entre nossos objetos de investigação e aquilo que já foi produzido sobre ele, para aí estranhar, questionar, desconfiar” (MAYER; PARAÍSO, 2012, p. 17). Com o intuito de questionar, estranhar e desconfiar de assuntos naturalizados, como o da violência, permitimo-nos ziguezaguear na construção de caminhos metodológicos que nos provocasse muitos e novos questionamentos.

A pesquisa é caracterizada por pesquisa de campo etnográfica, que nos proporcionou encontrar as alunas no ambiente escolar, para poder ouvi-las, e para que pudessem falar sobre a violência existente em suas relações, visto que,

A contribuição da etnografia diz respeito à relativização do universo que estudamos, problematizando e comparando a diferença entre modos de vida, descobrindo o arbitrário e o particular, des-naturalizando os comportamentos e desvendando os princípios subjacentes. Isso porque a etnografia impõe uma orientação do olhar investigativo para os símbolos, as interpretações, as crenças e valores relativos à vertente cultural da dinâmica da ação humana que ocorre nos contextos pesquisados. [...] Ela possibilita um encontro com os sujeitos pesquisados de maneira a captar mais fidedignamente suas vivências e experiências. (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2017, p. 13).



A pesquisa de campo, permitiu-nos problematizar a questão da violência a partir de suas falas e de desenhos feitos, como forma de exemplificar atos de violência presenciados por elas. O que possibilitou aproximarmos de como a violência entre elas pode ou não acontecer, e o que as meninas pensam a respeito da violência.

Para que a pesquisa ocorresse percorremos os seguintes caminhos. Inicialmente, escrevemos, juntamente com a orientadora, um projeto de pesquisa no qual definimos nosso tema e objeto de pesquisa. Também nos reportamos a nossos interesses para justificarmos a pesquisa, traçamos os objetivos, referencial teórico e pressupostos metodológicos.

Em seguida tínhamos que escolher o *locus* de pesquisa, uma escola pública em que pudéssemos conversar com as crianças. A escola selecionada foi a que era local de trabalho de uma pessoa membro do grupo de estudos e pesquisas que atuamos, grupo coordenado pela orientadora da pesquisa. Para que chegássemos à escola, conversamos com a professora da turma do terceiro ano do Ensino Fundamental, pedirmos autorização para conversarmos com as meninas, e por intermédio dela recebemos autorização da direção da escola.

Segundo Martins Filho e Barbosa (2017), a importância das falas das meninas fica evidente, pois, “[...] tem advogado um conhecimento das crianças como crianças e migrado uma dimensão da educação que considera as relações das crianças entre si e com a realidade social circundante” (2017, p. 9, *grifos do autor*). As falas das meninas evidenciam a realidade das relações entre elas, associadas à realidade social e cultural na qual elas estão inseridas.

Tivemos a oportunidade de nos encontrarmos durante uma tarde com as nove alunas que estavam presentes, elas tinham entre 7 e 9 anos de idade. O encontro ocorreu das 15 horas e 10 minutos às 17 horas, no dia 03 de março de 2017. As estratégias de pesquisa foram as seguintes: conversas com as crianças, produção de textos e desenhos sobre a temática privilegiada. Nossa dinâmica com elas se deu da seguinte forma, ao chegarmos, nos apresentamos, e explicamos o porquê de estarmos ali em sala de aula. Pedimos para que cada uma desenhasse uma situação de violência ocorrida em suas relações com seus pares, que elas presenciaram e depois escrevessem sobre o desenho.

Enquanto desenhavam, solicitamos que, de duas em duas, fossem ao fundo da sala conversar mais proximamente conosco. Nossa primeira ação foi solicitar a elas autorização para gravarmos suas falas,



em seguida, que nos explicassem o seu desenho, como aquilo aconteceu, o que aconteceu antes e o que aconteceu depois daquela cena. Feito isso, apresentamos alguns vídeos, que serviram de exemplificação de algumas violências entre garotas. Nos dois primeiros vídeos foram, fragmentos do filme “*Lilo e Stich*”, partes tiradas das cenas iniciais da película. Neste trecho, a menina Lilo é chamada de “louca” por uma menina, a personagem principal se irrita e parte para a agressão física. Em outro trecho selecionado do filme, Lilo tenta se interagir com o grupo de meninas buscando uma interação, porém, é mal recebida, e é deixada falando sozinha pelo grupo.

Os outros dois vídeos foram fragmentos de cenas de novelas apresentadas à época pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). O primeiro trecho foi extraído da novela “Carinha de Anjo”. Nele, duas meninas empurram a Dulce Maria (personagem principal) ao chão, dizendo que além de “chatinha”, agora ela também era uma pessoa sozinha. No segundo, da novela “Chiquititas”, duas meninas dizem para a personagem Vivi que ela não é e nunca será uma “top”, ela chora, e suas amigas para defendê-la empurram as meninas, o que provoca um alvoroço.

O último vídeo, extraído do *Youtube*, mostra duas meninas agredindo-se fisicamente em frente à escola, uma cai, a outra continua puxando seus cabelos. Uma terceira menina aparece e bate na menina caída.

Depois que visualizaram os vídeos, as crianças foram indagadas com perguntas que possibilitassem as falas sobre os acontecimentos exibidos, como: “O que vocês acham disso?”, “Isso pode acontecer com meninas na vida real?”, “Vocês já viram algo parecido?”, “Quais seriam os motivos para isso acontecer?”, entre outras questões que possibilitassem a reflexão e o debate. Após a conversa, agradecemos as suas participações e finalizamos a entrevista.

Posteriormente a pesquisa de campo, transcrevemos todas as falas das meninas, o que resultou em 15 páginas digitadas. A seguir, criamos um quadro de informações, para que conseguíssemos visualizar de forma geral as informações obtidas, primeiramente a partir das falas, informações que serão apresentadas na terceira parte deste artigo. Vale ressaltar que no momento da pesquisa as alunas inventaram nomes fictícios para que fossem identificadas no presente estudo.

3. Uma breve discussão conceitual

Para as discussões teóricas das informações produzidas na pesquisa precisávamos selecionar os conceitos-chave para nos



aprofundar e dialogar. Passamos a descrevê-los a seguir. Um dos primeiros conceitos que nos pareceu importante destacar foi o de violência. Sendo assim, a violência,

[...] deve ser compreendida como produto de um sistema complexo de relações, historicamente construído e multifacetado, que envolve diferentes realidades de uma sociedade (familiar, social, econômica, ética, jurídica, política etc.), produzidas em uma cultura, permeadas por valores e sentidos culturais. (XAVIER FILHA, 2008, *apud* XAVIER FILHA, 2015, p. 1.574).

Por envolver diferentes realidades de uma sociedade e ser produzida em uma cultura, a violência é permeada de valores e vai ganhando sentidos nas relações, a violência entre as meninas surge então, a partir de suas relações entre seus pares e com outros sujeitos sociais.

Quando nos aproximamos da escola, e nos referimos a ela como um espaço relacional destaca-se, segundo Louro (2008, p. 88), "[...] que essas instituições e práticas não somente fabricam os sujeitos como também são elas próprias, produzidas (ou engendradas) por representações de gênero [...]" . As relações escolares estão permeadas por tais representações. E quando nos aproximamos da violência entre garotas, nos aproximamos das representações de feminilidade construídas no contexto relacional entre elas também no contexto escolar.

O conceito de gênero foi amplamente veiculado a partir da década de 80 do século XX, na tentativa de se opor a uma ideia de essência, que em geral pautava a explicação de comportamento distintos de homens e mulheres. O conceito busca, portanto, enfatizar e problematizar a construção histórica, social e cultural dos comportamentos de homens e mulheres, fugindo assim das explicações que remetem a "essência", que justificaria os comportamentos masculinos e femininos, muitas vezes tidos como diametralmente opostas. (FELIPE, 2012, p. 221).

As formas de ser mulher ou homem, menina ou menino se constituem a partir de nossa construção histórica, bem como, do meio social e cultural em que se está inserido. Neste sentido, o fato de estarmos nos referindo à violência vivenciada nas relações entre garotas, não significa que, as meninas por serem do gênero feminino têm um tipo de comportamento imutável diante da violência, que



todas, por serem garotas agem da mesma forma, ou até mesmo que naturalmente elas seriam ou não violentas. O conceito de gênero nos aproxima da problematização dos comportamentos esperados socialmente, para as meninas e entre as mesmas, e contrário a uma *essência* imaginária do que é ser menina, e esse conceito também nos possibilita investigar a violência entre elas.

Para discutirmos sobre gênero e construção de feminilidades, urge pensarmos mais sobre essa construção social. Segundo, Santos (2010):

[...] tomamos feminilidade e masculinidade como construções culturais que se produzem e reproduzem socialmente e que não podem ser definidas fora de um contexto, ou seja, de condições históricas e culturais em que o indivíduo se constitui. Essa decisão conduz-nos a reiterar que feminilidade e masculinidade estão em permanente transformação, não sendo determinações fixas, e possuem uma multiplicidade de formas de ser homem ou mulher em nossa sociedade, multiplicidade está em que afloram inúmeras tensões, conflitos e cenários. (p. 842).

Podemos nos referir a feminilidade como múltipla, por estar em transformação constante, se constituindo e se construindo historicamente, socialmente e culturalmente, portanto, as demarcações de o que é ser menina estão longe de serem fixas. Visto que, existem diversas formas de ser garota em um único, ou vários contextos sociais e culturais. Quanto à identidade de gênero, segundo Xavier Filha (2014):

[...] é possível pensar em muitos jeitos de ser feminino e muitos jeitos de ser masculino, sem um papel de gênero demarcador, muito embora haja modelos predominantes, instituídos e idealizados pela sociedade, mesmo assim, pode-se pensar na multiplicidade constituição de sujeitos. (XAVIER FILHA, 2014, p. 103).

O conceito de identidade de gênero nos possibilita pensar na multiplicidade de ser feminina, na multiplicidade das feminilidades, evidencia que em um único grupo de meninas podemos encontrar formas diferentes de pensar o que é ser menina, e de ser menina.

Para conseguirmos identificar as violências sofridas e vividas entre elas tipificamos as violências entre: violência física, psicológica, moral, além de outro conceito importante que é o de violência de gênero.



Violência física segundo Felipe (2012), é aquela que envolve “[...] socos, pontapés, empurrões [...]” (p. 196). Entre outras formas de atingir o corpo, violência física engloba todas essas formas de violência que são direcionadas ao corpo, o agredindo.

A violência psicológica se refere a “[...] uma série de comportamentos que envolvem a rejeição e a depreciação constantes, ridicularizando e humilhando [...]” (FELIPE, 2012, p. 196). As humilhações feitas, bem como os xingamentos, fazendo uso ou não dos palavrões, e a depreciação são formas de violência psicológica.

Já a violência moral diz respeito à, “[...] ofensas em relação a sua conduta [...]” (FELIPE, 2012, p. 196). Mentir a respeito do que uma menina fez, dizer que ela fez algo que não fez ou o contrário disso, pode ser considerado como violência moral. Decidimos fazer o uso deste conceito visto que, o entendemos necessário para explicar uma informação obtida a partir das falas das meninas, mesmo sabendo que esse tipo de violência possa ser incluída nas discussões a respeito da violência psicológica.

Ao nos referirmos à violência de gênero, entendemos que “a violência de gênero engloba as diferentes formas de violência praticadas no âmbito dessas relações [...]” (XAVIER FILHA, 2014, p. 306). Esta violência é praticada no âmbito das relações interpessoais tanto entre homens e mulheres como, entre homens e homens e mulheres e mulheres, entende-se por violência de gênero as violências praticadas que estão inseridas nas relações de gênero, que afetam e são afetadas por esse marcador.

A violência contra crianças, segundo Xavier Filha (2014), “deve também ser pensada como algo criado social e historicamente, fruto de discursos de um determinado período. [...] Outro aspecto a ser enfatizado, também, a partir deste conceito, é que a violência é uma produção humana” (p. 277). Entender a violência como discurso, evidencia o fato da violência ser uma construção social, e consequentemente produto das relações humanas, como afirma a autora.

4. O que as meninas têm a nos dizer sobre a violência em suas relações?

Como dito anteriormente, a violência é permeada de valores e vai ganhando sentidos nas relações sociais, históricas e culturais dos sujeitos. Discutir a respeito da violência existente nas relações entre meninas pode causar algum estranhamento, visto que, segundo Felipe (2012, p. 220), “[...] com relação as meninas se exige uma série de comportamentos para que elas mantenham a ordem, a disciplina, o

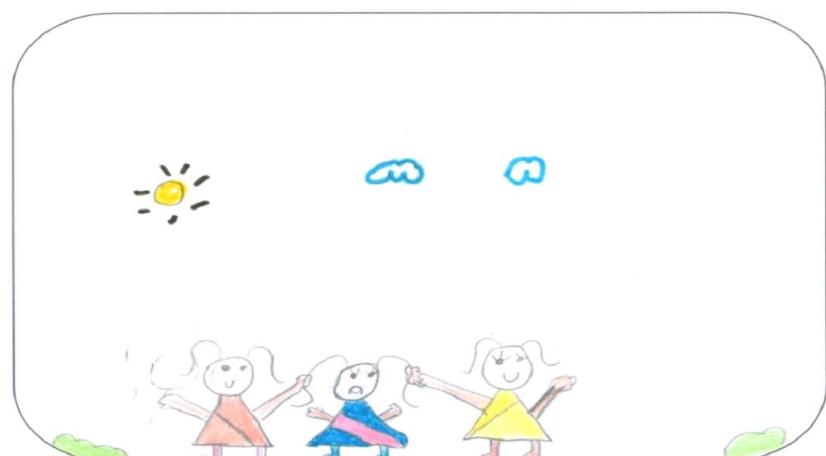


capricho, que não se metam jamais em confusão [...]" . Mesmo que se espere delas um tipo de comportamento amigável para com todos e todas ao seu redor, com elas entre si e com quem se relacionam, a violência precisa ser entendida também a partir das relações entre sujeitos do gênero feminino.

Ao nos aproximarmos das explicações das meninas a respeito dos vídeos que foram exibidos na pesquisa, conseguimos perceber o que nas palavras delas seria entendido como violência física, podendo ser definida como agressão, uma das entrevistadas, por exemplo, dizia que violência física seria: " *Está tendo muita agressão*" (ISABELA, 7 anos). Para Isabela, violência física é igual a agressão, isso mostra que, as garotas elaboram conceitos que tornam explicáveis os atos vivenciados em suas relações. Essas agressões, tidas pela entrevistada como sinônimo de violência física, estiveram presentes também nos desenhos das outras meninas, de nove desenhos no total, oito deles faziam referência à violência física. O que demonstra ser esse o tipo de violência mais visível, aquela que provoca marcas no corpo, que agride. Nos desenhos das alunas somente um deles retratou uma situação de violência psicológica. Pensar na violência psicológica a partir de apenas um desenho em contraponto aos oito de violência física demonstra que há certa dificuldade em se entender que palavras ditas podem ser violentas. Também podemos pensar que outros tipos de violência, além da física, nem sequer são pensados como sendo atitudes a serem consideradas como violentas, porém que também podem deixar marcar e efeitos muito fortes nas vítimas.

No desenho feito por Maria Fernanda, 8 anos, ela expressa uma cena de violência física e explica: " *Dois meninos estão puxando os cabelos de outra menina*" . Vejamos na Figura 1.

Figura 1 - Desenho feito por Maria Fernanda, 8 anos.



Fonte: Organizado pela autora 1.

O desenho de Maria Fernanda apresenta três meninas, duas delas estão puxando o cabelo da garota que está no meio. A menina agredida aparenta estar triste enquanto as outras duas esboçam um sorriso nos lábios.

Os puxões de cabelo como expressão de violência física foram desenhados cinco vezes pelas alunas, o que totaliza aproximadamente 55,55% dos desenhos realizados. As motivações elencadas foram as mais diversas possíveis, segundo as falas e justificativas das crianças. Larissa, 8 anos, disse: “*Ela puxou os cabelos da menina porque ela se acha, e ela não gosta da menina*”. Em outro desenho a menina agredida foi vítima da agressão por estar com o vestido igual ao de sua agressora. Nos outros desenhos que apareceram os puxões de cabelo, duas meninas começaram a puxar os cabelos de outra menina por não serem amigas dela. Percebemos neste contexto que, as agressões físicas aparecem nas relações interpessoais e cotidianas das meninas em circunstâncias diversas, não existindo aí um motivador único, mas múltiplos, que tem como reação a agressão física.

Os empurrões também foram recorrentes nos desenhos como expressões de violência física, eles apareceram em três desenhos de crianças diferentes. Vejamos um deles na Figura 2.

Figura 2 - Desenho feito por Sofia, 8 anos.



Fonte: Organizado pela autora 1.

Em seu desenho, Sofia representa uma agressão física ocorrida no cotidiano de uma escola. Na cena é possível ver uma sala de aula de um lado e no pátio, no recreio, duas meninas olham para uma outra que está caída. A garota que está ao solo, sangra pelo nariz. Sofia



explica seu desenho: “*Na hora do recreio duas meninas estavam empurrando uma menina, e saiu sangue.*” (SOFIA, 8 anos). Na explicação da autora do desenho é possível entender a cena e perceber que as duas crianças em pé são os algozes e parecem sorrir com esse feito. É interessante notar o sarcasmo expresso nas expressões das outras garotas que sorriem ao verem o sofrimento da vítima. Outro ponto curioso, é perceber que a professora foi representada no desenho, ela sorri e não percebe o que está acontecendo a sua volta, não vê a agressão acontecida no pátio da escola. Isso nos leva a considerar o fato de os/as adultos/as estarem em muito dos casos alheios às situações de violências, o que pode ser fruto de ideias sacralizadas socialmente de gênero de se pensar que as meninas não são violentas entre si, aspecto já destacado com os estudos de Felipe (2012), pois, não se espera que as garotas sejam violentas, mas sim disciplinadas, que mantenham a ordem e a cordialidade.

Os empurrões aparecem em outro desenho. Nele uma menina maior quer o lugar na fila de uma outra que é pequena, que não cede, então é empurrada. No último desenho não tivemos muitas explicações escritas, a explicação foi, “*Empurrando*” (ISABELA, 7 anos). Percebe-se que empurrar é uma forma de demonstrar domínio de território, aqui podemos perceber a violência física e a psicológica operando em conjunto.

Por terem sido desenhados três vezes, os empurrões totalizam aproximadamente 33,33% dos desenhos realizados por todas as crianças participantes da pesquisa. O empurrão é uma forma de violência física utilizada em diferentes contextos, ele pode ser praticado por uma única criança ou até por mais de uma menina, como os desenhos representaram e foram descritos anteriormente.

O último desenho referiu-se à violência psicológica, e teve equivalência de 11,12% das situações de violência, nele as meninas estão “brigando”. O verbo brigar foi o mais recorrente para se referir a discussões e uso de palavras depreciativas direcionadas a outras meninas, demonstrando um tipo de violência psicológica vivenciada por elas e entre elas. Essas brigas também podem representar discussões feitas com o intuito de resolver impasses e conflitos entre as mesmas. Vejamos a Figura 3.

Figura 3 - Desenho feito por Bianca, 8 anos.

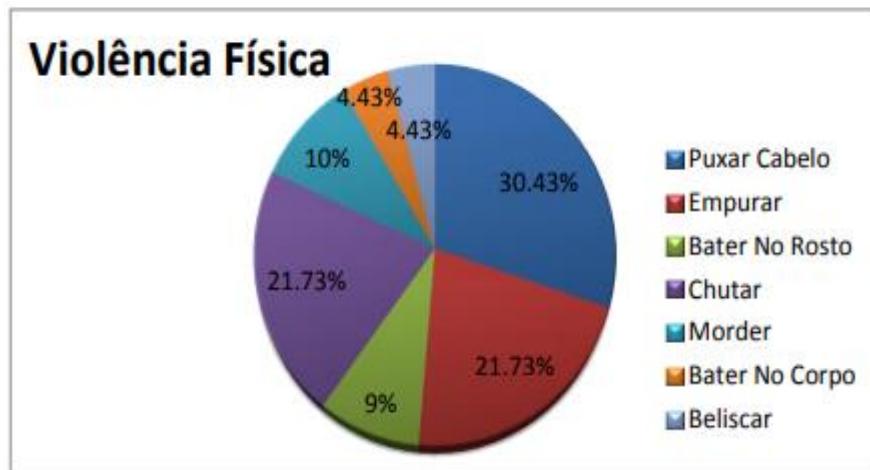


Fonte: Organizado pela autora 1.

Neste desenho duas meninas tentam pegar o mesmo lápis de cor da caixa, elas se olham e estão descontentes. Ao falar do seu desenho Bianca (8 anos) diz: “*Todo dia a gente brigava, às vezes era por causa de um lápis de cor.*” (BIANCA, 8 anos). Não conseguimos descobrir a partir das falas de Bianca o porquê de brigar todos os dias com sua amiga, entretanto quando ela diz que “*todos os dias brigava com uma amiga*”, o que nos traz uma informação importante para pensarmos a respeito da frequência da violência entre as meninas, a respeito da relação que elas têm entre si, que neste caso são amigas e também se uma violência pode ser percebida como causadora de outras violências. Sendo assim podemos pensar que, na convivência entre garotas a violência pode ser frequente, uma briga pode se estender por dias e até mesmo causar outras formas de violência.

Durante as conversas com as meninas a violência física foi citada vinte e três vezes em suas narrativas, deste total sete foram citações de puxões de cabelos, o que totaliza 30,43% das agressões aproximadamente. Os chutes foram citados cinco vezes, aproximadamente, 21,73% das violências físicas citadas, igualmente os empurrões foram citados outras cinco vezes, aproximadamente em 21,73%. Em sequência, as mordidas foram citadas por duas vezes (9% aproximadamente), os beliscões uma vez (4,33% aproximadamente). O verbo bater foi citado uma vez (4,33% aproximadamente), como demonstra a Figura 4.

Figura 4 - Da violência física citada nas falas das meninas.



Fonte: Elaborado pela autora 1.

Como podemos perceber o gráfico representa as violências citadas pelas meninas durante suas falas, não as contidas propriamente nos desenhos. Ao compararmos essas informações com as obtidas a partir dos desenhos podemos perceber que os puxões de cabelos são novamente a maioria, seguido dos empurrões. Ao falarem sobre as violências físicas, as meninas citaram outras formas, sendo elas: bater no rosto, chutar, morder, bater no corpo e beliscar. A violência física neste contexto infligida de várias formas, sendo direcionada ao corpo como forma de machucar.

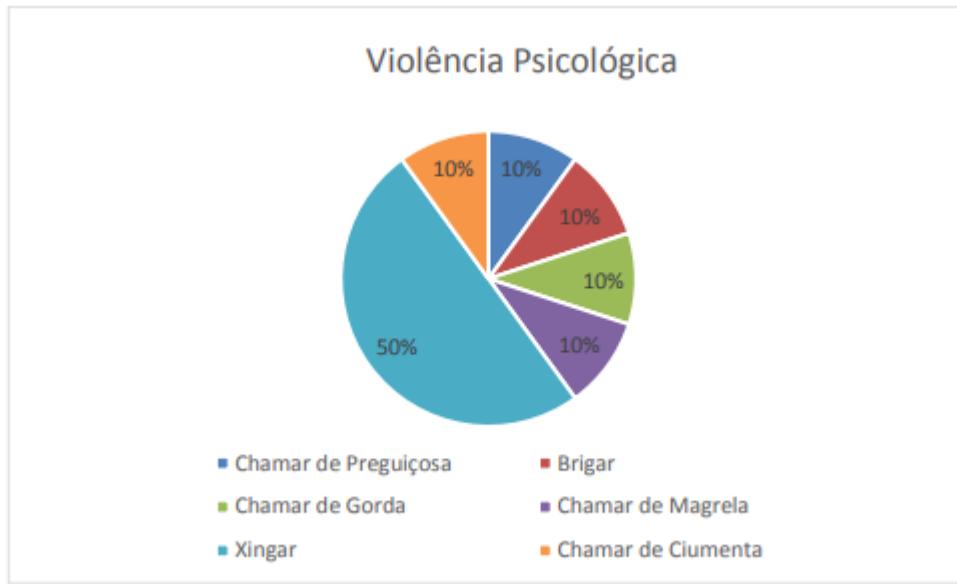
Já violência psicológica, foi citada dez vezes durante as falas das meninas. Esse tipo de violência diz respeito, como citado no tópico anterior, a humilhações, depreciação e xingamentos fazendo uso ou não dos palavrões. Das dez referências das garotas às violências psicológicas, encontramos: '*chamar de preguiçosa*'; '*chamar de gorda*'; '*chamar de magrela*'; '*chamar de ciumenta e brigar*'. O que demonstra a possibilidade de depreciação da outra por formas que não necessariamente sejam xingamentos, mas formas que afetam diretamente a autoestima e a autoimagem, pois, referem-se a quem a outra é, como ela é vista pelo grupo. Essas formas que elas utilizam para '*atingir*' as outras meninas são instigantes em uma análise de gênero porque muitos desses predicativos dizem respeito ao que não se espera socialmente e culturalmente para uma mulher ideal. Não se espera que uma mulher seja preguiçosa por exemplo. Ela tem que trabalhar e ser multitarefas nessa sociedade capitalista que exige da mulher o trabalho em casa e fora dele. A idealização de beleza também é outra questão fortemente marcada pelas questões de gênero e que atingem o corpo feminino. O corpo gordo ou magro é constantemente



marcado pelo que se convencionou pelo ideal de belo, que no caso, não está nos extremos.

Já os xingamentos foram citados cinco vezes. O gráfico a seguir demonstra as porcentagens dessas violências encontradas nas falas das meninas. Vejamos a Figura 5.

Figura 5 - Das violências psicológicas



Fonte: Elaborado pela autora 1.

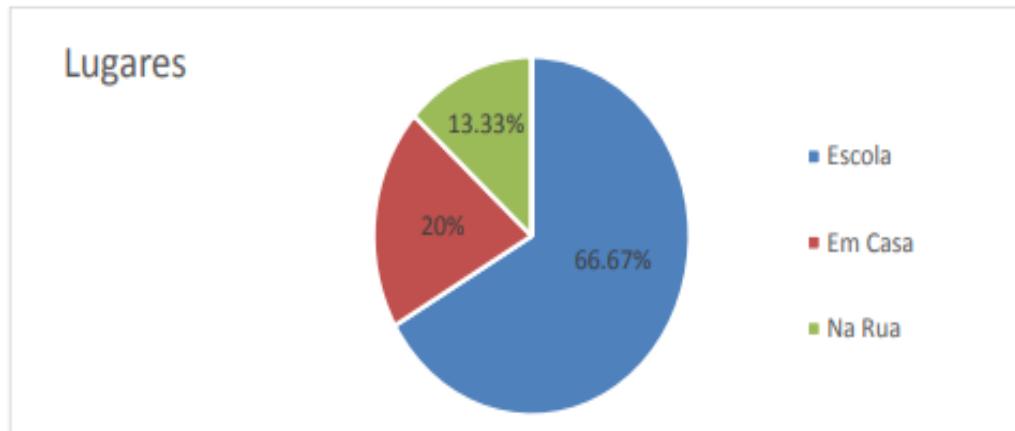
Podemos perceber a partir do gráfico que, em 50% das violências psicológicas as meninas xingam umas às outras. O xingamento se refere a falar palavrões como forma de ofender a outra. Outra forma de depreciação está em fazer uso de adjetivos negativos (40% das citações). As meninas também se referiam a brigas em suas falas, não especificaram o teor dessas brigas, entretanto se referem como formas de violência psicológica, pois, segundo as entrevistadas nessas desavenças não existem contatos físicos, subentende-se que seriam formas de agressões verbais que expressam formas de violência psicológica.

A violência moral também foi citada pelas meninas, diz respeito a ofensas ditas que se referem à conduta da vítima. Esse tipo de violência se materializa ao dizerem inverdades sobre a vítima para uma pessoa adulta, no caso para o/a diretor/a da escola. A violência moral foi citada uma vez, e evidencia que, as relações entre elas, podem caracterizar-se de formas distintas e únicas.

O local da violência foi outro aspecto observado. Pudemos perceber que as violências narradas pelas alunas estão presentes nos ambientes onde elas se relacionam, nos ambientes de seu convívio

cotidiano. Quando indagadas a respeito dos lugares onde a violência acontece, de 15 respostas, 10 delas se referiram à violência acontecida na escola, três em casa, e duas na rua, como demonstra a Figura 6.

Figura 6 - Dos lugares da violência entre meninas.



Fonte: Elaborado pela autora 1.

Os lugares em que a violência pode acontecer são locais onde as meninas se relacionam e convivem, independendo se o local é um espaço público, privado ou relativo ao ambiente familiar. Na pesquisa não encontramos um determinismo em relação aos locais, porém evidenciamos que a escola foi o espaço privilegiado para ocorrer a violência, porque, é neste espaço em que as relações entre elas se torna mais efetivas e duram muito tempo, espaço em que convivem umas com as outras, desenvolvem relações de afeto e também de violência.

Quando as meninas falaram das possíveis motivações para as violências, as mais citadas por elas foram: '*ciúme*' e a '*outra menina se achar*', cada uma dessas causas foram citadas quatro vezes. As meninas também falaram de outros possíveis motivos para a ocorrência da violência, são eles: '*não gostar da menina*' (citado três vezes), '*por querer brincar de outra coisa*' (citado uma vez), '*porque a agredida é gordinha e feia*' (citado uma vez), '*porque as meninas são malvadas*' (citado duas vezes), '*porque tropeçou na outra menina*' (citado duas vezes), '*porque provocou a outra*' (citado uma vez), '*por ter raiva da outra*' (citado uma vez), '*por ser amiga de alguém que a outra menina não gosta*' (citado uma vez), '*não emprestar lápis*' (citado duas vezes), '*por irritar a outra*' (citado uma vez), '*fazer alguma coisa que a outra não gostou*' (citado uma vez), '*porque as duas meninas não se gostam*' (citado uma vez), '*sem ter motivo*' (citado uma vez), '*por inveja*' (citado uma vez), '*porque a agredida é mais bonita*' (citado uma vez), '*por querer o lugar da outra*' (citado uma vez), e '*por*



estarem com roupa igual' (citado uma vez). Mais uma vez fica evidente que, as relações interpessoais entre meninas podem ser, e são, relações afetadas pela violência.

O ciúme citado pelas meninas tem dois aspectos, pois, ele pode segundo as crianças entrevistadas ser motivado por conta da beleza da vítima, "*Uma é por ciúmes... de uma menina do Pré que era mais bonita*" (ISABELA, 7 anos). E outro aspecto é, por conta de namorado, "*A outra estava com ciúme porque ela roubou o namorado dela.*" (JULIANA, 7 anos). Essas formas de ciúme servem portanto, como motivadoras para atos violentos nas relações interpessoais, o que delineia novamente como a afetividade está entrelaçada à violência.

Ao falarem que a outra menina "se acha", as meninas nos deram algumas pistas para reflexão, do porquê algumas delas podem "se achar". A menina pode se achar se ela for considerada bonita (ou se achar que é), ou mesmo por terem um poder aquisitivo maior em relação às outras. Também podem "se achar" as garotas que são de certa forma autossuficientes, nas palavras das alunas seriam, aquelas que pensam que "são tudo".

"Ela estava começando a falar que ela era mais bonita de todas [...] as meninas ficaram brigando porque elas pensam que são tudo. Que magoar as pessoas, elas magoam, elas pensam que... Elas não sentem dó. [...] Porque elas são malvadas." (LARISSA, 8 anos). Outra característica possível segundo as meninas, é que as meninas-agressoras que "se acham" não teriam dó de suas vítimas, o que as torna de alguma forma agressivas e violentas, desempenhando estratégias de violência física, mas sobretudo de violência psicológica como forma de "destruir" a outra menina que está se sentindo "empoderada", com autoestima elevada. Percebe-se que quem 'se acha' compete com possíveis rivais, que poderiam tomar sua posição, e por isso nestes casos, a violência busca afetar a autoestima da vítima.

Os atos de violência também podem acontecer quando as meninas não chegam a um consenso, o que fica explicitado em motivações como, não querer brincar da mesma coisa que a outra, "*é que uma queria brincar de outra coisa.*" (MARIA FERNANDA, 8 anos). Outros motivos apontados são, não querer emprestar o lápis; fazer alguma coisa que a outra não gostou; por querer o lugar da outra e até por se vestirem igualmente. Esses impasses podem então, ser possíveis geradores de violência nas relações entre as meninas. Ao se referir sobre motivos das violências entre meninas, uma delas escreveu em seu desenho: "*Era uma vez na escola, assim, no recreio, duas amigas e mais duas amigas foram correndo para a fila quando tocou o sino. E foi assim, as amigas brigaram porque uma delas foi com o*

vestido igual para a escola [...]" (JULIANA, 7 anos). Vejamos o desenho feito por ela na Figura 7.

Figura 7 - Desenho feito por Juliana, 7 anos.



Fonte: Organizado pela autora 1.

Podemos perceber que neste desenho que, as meninas estão em fila, a primeira menina da fila está puxando os cabelos da segunda, as outras meninas estão sorrindo. A menina-vítima aparentemente está triste, e sua agressora está sorrindo, podemos perceber que todas elas estão aparentemente vestidas de forma igual, o que pode representar o uniforme, neste sentido, entendemos que o vestir-se igual à outra, que seria o motivador da violência, pode se referir a alguma peça de roupa específica, e não todo o conjunto.

O que as meninas pensam a respeito das outras meninas tanto no aspecto físico, quanto no que se refere a sua opinião pessoal, mostrou-se outro aspecto importante e desencadeador de violência entre elas. Visto que, alguns dos motivos causadores das violências citados pelas meninas são: "Porque ela é gordinha e feia [...] porque a menina se acha" (LARISSA, 8 anos), "Porque a outra menina era mais bonita do que elas" (ISABELA, 7 anos).

O entendimento pessoal da menina-agressora a respeito de, quem é a outra menina (vítima), de como a outra é fisicamente, e do que a outra gosta, podem ser um dos motivadores da violência. Uma menina pode agredir outra por ela "se achar", portanto, neste caso quem entende que a outra se acha é a menina-agressora. A exemplo disso uma delas escreve para explicar seu desenho: "Ela puxou os cabelos da menina porque ela (a outra menina) se acha, e ela não

gosta da menina.” (LARISSA, 8 anos). Vejamos o desenho disposto na Figura 8.

Figura 8 - Desenho feito por Larissa, 8 anos.



Fonte: Organizado pela autora 1.

Neste desenho uma menina está puxando os cabelos de outra menina, a menina-agressora está sorrindo, enquanto a vítima chora. A vítima, seria então a menina que “se acha”, e este é o motivo para a agressão.

O que as meninas sentem pelas outras também teve um espaço de destaque nas suas falas. Quando possíveis motivos para violência são, por que não gosta da menina, por ter raiva da outra, porque a menina é amiga de alguém que a agressora não gosta, por fazer alguma coisa para irritar a outra, fazer alguma coisa que a outra não gosta, provocar, porque vítima e agressora não se gostavam, por inveja e por ciúmes.

“As meninas, elas eram muito amigas, aí as outras duas meninas vieram e começaram a bater na D. e na V. Bateram e elas começaram a chorar, aí as duas começaram a rir.” (YASMIN, 7 anos). Essa foi a explicação dada ao desenho exposto na Figura 9.

Figura 9 - Desenho feito por Yasmin, 7 anos.



Fonte: Organizado pela autora 1.

Neste desenho duas meninas estão agredindo fisicamente outras duas. Segundo o relato da aluna que fez o desenho as meninas-agressoras são amigas e também não gostam das duas vítimas, que estão chorando copiosamente. As agressoras não apenas sorriem, mas estão gargalhando. Isto demonstra que em atos de violência a parte agressora diverte-se, como foi delineado em outros desenhos, quem bate geralmente sorri demonstrando regozijo diante da dor da outra pessoa.

Não ser estimada por outra menina, ou causar algum sentimento negativo na outra, pode também servir de motivo para a violência entre meninas, pois, o que as meninas estão sentindo pelas outras pode direcionar a forma como elas se relacionam. “É que eu acho, que uma menina fez alguma coisa para irritar a outra, e a outra vai pra cima da outra. É porque a outra, o coração dela não gostou muito do que aquela fez. Mas ela, tipo, demonstrou e foi pra cima.” (BIA, 9 anos). “Ir para cima” pode ser uma reação de meninas quando não ficam contentes com o que uma outra fez, destacando uma expressão de violência física.

Segundo as entrevistadas, um fato como tropeçar accidentalmente em outra pode provocar uma reação violenta, pois, isso pode deixar a atingida brava e esta querer revidar de forma agressiva. Elas “[...] estavam correndo, aí uma trompou na outra, aí a outra ficou brava.” (BIA, 9 anos). Ao mesmo tempo em que, um acidente durante o recreio pode vir a ser um motivador e desencadeador de violência,

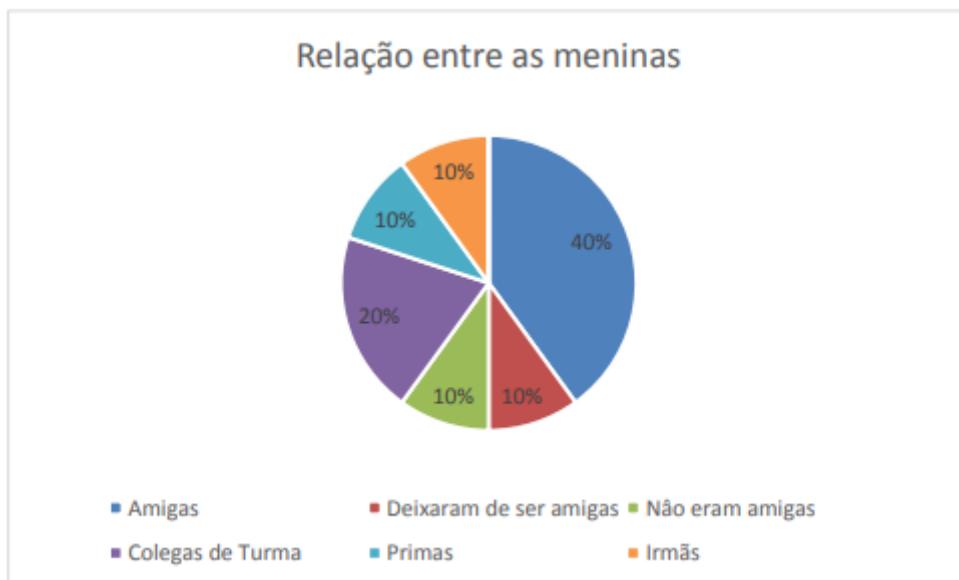


as meninas podem brigar sem motivos aparentes, “*Ela que brigava comigo! Sem ter motivo.*” (BIANCA, 8 anos).

Como já citado no tópico anterior a violência faz parte de um sistema complexo de relações, e é neste sentido que podemos entender algumas falas aparentemente contraditórias das crianças que pesquisamos. As relações entre meninas são relações sociais e também relações subjetivas e históricas, neste sentido, uma briga aparentemente “sem motivo” tem um motivo implícito e algo a nos dizer a respeito da banalização da violência entre as meninas.

Ao falarem das relações entre vítimas e agressoras, as meninas destacaram em suas falas que elas podem ser: amigas (citado quatro vezes); podem ter deixado de ser amigas (citado uma vez); as meninas não serem amigas (citado uma vez); serem da mesma turma (citado duas vezes); terem parentescos como, primas (citado uma vez) e também irmãs (citado uma vez), como veremos no gráfico disposto na Figura 10.

Figura 10 - Das relações entre meninas envolvidas em situações de violência.



Fonte: Elaborado pela autora 1.

Em oito respostas das alunas no que tange a relação entre vítimas e agressoras, as meninas eram próximas: amigas; colegas da mesma turma; primas e irmãs, o que evidencia a questão relacional na ocorrência da violência. Mesmo quando olhamos as outras duas possíveis relações entre elas, vítimas e agressoras, que seriam as



garotas que deixaram de ser amigas e as que nunca foram, percebemos que elas estão inseridas nas relações de proximidade entre meninas de um determinado lugar.

Quando se referem a quem são as vítimas de violência, nos foi relatado que elas seriam '*a menina mais gordinha e feia*' (citado uma vez), '*a menina mais bonita*' (citado uma vez), '*a menina menor*' (citado uma vez), '*a menina que se vestiu igual a agressora*' (citado uma vez), '*a menina que roubou o namorado da agressora*' (citado uma vez). O que evidenciou não haver um perfil único para que as garotas sejam vítimas, pois, diversas características podem ser motivadoras de uma agressão: uma característica física; o vestir igual; ou o 'roubo' do namorado.

Já as agressoras são citadas como '*a menina mais linda de todas*' (citado uma vez), '*a menina brava*' (citado uma vez), '*a menina maior*' (citado uma vez), '*a menina que namorava o menino*' (citado uma vez) e '*a menina que considera a vítima mais bonita do que ela*' (citado uma vez). Percebemos que, as meninas agressoras não são iguais, ou parecidas, o que nos sugere também, tal como descrevemos a vítima, não existir um "tipo de menina" agressora, mas que motivos diversos impulsionam garotas diferentes em suas relações a se envolverem em conflitos e atos de violência.

No entanto, há alguns indicativos nas respostas que valem destaque, a menina agressora é considerada a 'mais linda', a 'mais brava' e a 'maior' de todas. Aqui há elementos relacionados a aspectos sociais valorizados culturalmente como beleza, bravura, poder, força. Em contrapartida, as vítimas são desvalorizadas culturalmente com adjetivos que as demarcam socialmente como estar acima do peso, não ser considerada bonita, imitar a roupa da menina considerada mais popular. Esses aspectos devem ser considerados nessas problematizações para pensarmos como socialmente as garotas são educadas e socializadas para serem inimigas uma das outras, desconfiarem e atacarem as pessoas de seu próprio gênero.

A resolução desses conflitos que geraram atos de violência se dão, segundo as meninas, da seguinte maneira: '*as meninas fazem as pazes*' (citado uma vez), '*as meninas se reconciliam por mediação da escola juntamente com os responsáveis*' (citado quatro vezes), por '*mediação de uma terceira menina*' (citado uma vez), '*mediação dos responsáveis*' (citado uma vez), por '*mediação de alguém da escola*' (citado uma vez). As meninas que se reconciliaram com as agressoras, na maioria das vezes, precisaram de mediação de uma terceira pessoa, entretanto, existem conflitos resolvidos apenas pelas envolvidas.



Existem também os atos de violência entre meninas que desencadeiam outros tipos de violências. Houve um caso relatado em que, a violência narrada foi resolvida da seguinte forma: "Ela falou para o pai dela que agrediram ela... Aconteceu que (ele) foi lá brigar com o pai dela (outra menina)." (LARISSA, 8 anos). Percebe-se aqui que as relações entre as pessoas envolvidas se ampliaram para os membros da família. Outro caso envolvendo a família foi descrito: 'A responsável de uma menina agredida bateu na agressora com um capacete' (citado uma vez). "Aí minha mãe pegou o capacete e bateu na cara dela [...]. Depois eu estava dormindo e meu pai estava fazendo comida. Aí eles foram lá em casa, com pedaços de pau e ferro." (YASMIN, 7 anos). É neste sentido que, a violência como já citado no tópico anterior, deve ser pensada no contexto social das meninas, pois, ela não está dissociada da cultura local nem do momento histórico presente. As pessoas adultas das famílias poderiam atuar como conciliadoras nas situações de violência e mediar os conflitos com fins de resolução dos mesmos, no entanto, segundo as falas das crianças, percebemos que as respostas violentas são as escolhidas para a resolução das situações.

Nos relatos e desenhos aqui apresentados podemos perceber o quanto diversos tipos de violência estão presentes e são produzidos nas relações cotidianas e escolares das entrevistadas. A violência física apareceu em primeiro plano acompanhada da violência psicológica. As garotas podem ser as agressoras e também as vítimas. Essas informações nos inquietam porque nos deslocam de essencialismos de que as meninas-mulheres são seres dóceis, afáveis, carinhosos. Ao mesmo tempo, não se tem a pretensão de fazermos um julgamento em relação às atitudes das meninas e sim de problematizar, a partir das relações de gênero, porque esse tipo de naturalização faz com que não enxerguemos as meninas como possíveis agressoras e com isso não priorizamos esse debate nas escolas, inclusive com as meninas.

Neste sentido, "[...] as práticas violentas cometidas por mulheres parecem estar cada vez mais comuns, redesenhando, por sua vez, as próprias concepções de feminilidade". (ABRAMOVAY; CUNHA, 2016, p. 3). Existe certa descontinuidade no modelo imposto socialmente como ideal para ser menina, o que fica evidente quando nos aproximamos de suas relações sociais, e percebemos que elas podem ser violentas, dissociando a violência única e exclusivamente de pessoas do gênero masculino, isso vem redesenhando as feminilidades.



5. Considerações finais

Ao nos depararmos com a grande quantidade de informações que tivemos acesso, a partir das falas, desenhos e textos das alunas, podemos fazer algumas ponderações sem a pretensão de conclusões.

A violência entre meninas é produto das relações entre elas, independentemente de onde ocorram, seja dentro ou fora do contexto escolar. A violência nas falas das entrevistadas, se mostra como produto das suas relações pessoais, de amizade e familiar, estando permeada por valores, e sentido culturais e históricos que estão presentes no contexto social onde elas vivem. No entanto isso se torna mais amplo no sentido de que, a violência é uma construção social e por isso nos afeta em nossas constituições identitárias, e nas construções identitárias das meninas.

Não encontramos nenhum estranhamento quanto ao tema violência entre meninas por parte das entrevistadas, vale citar que, nem mesmo ao se depararem com as situações de violência nos vídeos, nenhuma delas disse que nunca havia presenciado algo parecido com aquelas cenas. Nem mesmo, reprovaram essas atitudes violentas umas com as outras. A violência não foi atribuída por elas a um determinado gênero.

Todas as alunas tinham o que desenhar, e o que falar a respeito das violências entre meninas, o que nos aproximou do conceito múltiplo de feminilidade, pois, a feminilidade é uma construção social e cultural, e está em constante transformação, neste sentido, esse tipo de violência também nos revela a multiplicidade da feminilidade. Quando nos reportamos às falas das meninas podemos pensar em feminilidades, visto que, existem formas múltiplas de ser menina nos contextos relacionais entre elas e com outros sujeitos sociais. Não existindo um padrão para ser vítima ou agressora, a violência entre meninas acontece dissociada de estereótipos, acontece por ser produto das relações entre elas.

A escola, bem como, suas casas, são espaços relacionais vividos por elas, permeados pelas relações de gênero, também são *locus* para perpetrar tal violência. O conceito de gênero neste sentido, nos faz olhar as relações entre meninas de forma desnaturalizada, percebendo suas dinâmicas mutáveis nos aproximando das novas feminilidades, a partir das construções das relações das meninas entre si.

Outra questão suscitada a partir de nossa pesquisa foi que, as entrevistadas não ligaram violência a um determinado gênero, em suas falas elas praticaram atos de violência e isso não foi visto como



algo que atingisse ou alterasse o fato de que elas são garotas. Para elas as meninas brigam, evidenciando o conceito de identidade de gênero, pois, existe multiplicidade na constituição das mesmas, existem muitos jeitos de ser menina.

Elas se envolvem em atos de violência, e isso não as desqualificam, mas expressa formas múltiplas de ser menina e de interagir com a violência, que permeia suas relações, inclusive em suas relações com outras do mesmo gênero, independente se é na relação com as de sua família, ou com as da escola. O contexto relacional das meninas com outras propicia um ambiente que pode vir a ser local de atos de violência.

Entendemos que esta pesquisa tem uma importância social expressiva, visto que, a violência entre garotas que antes era pouco discutida e visibilizada, vem ganhando espaço para discussão, pretendemos que este artigo suscite novas questões, sobretudo para a formação docente, por se tratar das relações pedagógicas acontecidas nas vivências de ensino-aprendizagem de meninas e meninos.

A temática da violência entre meninas precisa ser discutida na escola, precisa ser visibilizada e problematizada sem moralismos pelas pessoas adultas. Precisamos discutir com as meninas como social e culturalmente somos educadas para sermos inimigas umas das outras, para tratarmos a outra como potencial rival, como alguém a ser eliminada. Precisamos pensar em espaço de debate e construção de novas relações entre as meninas para que se 'empoderem' no coletivo. Temática urgente na prática pedagógica, na formação docente, na vida cotidiana de meninas!

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CUNHA, A. L. *Masculinidades, feminilidades e violência no cotidiano das escolas*. Disponível em: <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/educacaoecidadania/article/view/139/59>>. Acesso em 11 set. 2016.

AMORIM, S. M. F. Violência contra crianças e adolescentes e o papel da escola. Sexualidade, gênero, e diferenças na educação das infâncias. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias*. Editora UFMS, Campo Grande, 2012.

ANDRADE, S. D. S. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós estruturalistas. In: COSTA, Marisa



Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Editora DP&A, Rio de Janeiro, 2002.

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. In: *Revista Sociedade e Estado*, v. 29, maio/agosto 2014.

CORDEIRO, A. P.; PENITENTE, L. A. D. A. Questões teóricas e metodológicas das pesquisas com crianças: algumas reflexões. In: *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 14, p. 64-79, jan./abril 2014.

FELIPE, J. Relações de gênero: Construindo feminilidades e masculinidades na cultura. Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias*. Editora UFMS, Campo Grande, 2012.

FELIPE, J. Violência contra mulheres. Sexualidades, gênero, e diferenças na educação das infâncias. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias*. Editora UFMS, Campo Grande, 2012.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no College de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. *O sujeito e o poder*, Disponível em: <www.uesb.br/eventos/pensarcomfoucault/leituras/osujeitoeopoder.pdf>. Acesso em 02 ago. 2016.

GOELLNER, S. V. Corpo, gênero e sexualidade: reflexões necessárias para pensar a educação da infância. Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias*. Editora UFMS, Campo Grande, 2012.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Coleção Educação Pós-Crítica. 10. Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

MARTINS FILHO, A. J.; BARBOSA, M. D. C. S. *Metodologias de pesquisas com e sobre crianças*. In: Simpósio Internacional: Encuentro etnográficos conniñ@s y adolescentes em contextos educativos. Disponível em: <<http://>



www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/METODOLOGIAS%20DE%20PESQUISAS%20COM%20E%20SOBRE. Acesso em 13 fev. 2017.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. *Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações*. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PIRES, F. Ser adulta e pesquisar crianças, explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 50, Jan./Jun. 2007.

SANTOS, V. C. D. Indícios de sentidos e significados de feminilidade e de masculinidade em aulas de educação física. *Motriz*, Rio Claro, p. 841-852, Out./Dez. 2010.

SIMMONS, R. *Garota fora do jogo: a cultura oculta da agressão entre meninas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

VIEGA-NETO, A. Olhares. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos novos olhares na pesquisa em educação*. Editora DP&A, Rio de Janeiro, 2002.

XAVIER FILHA, C. Novos jeitos de ser princesa em filmes de animação. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Sexualidades, gênero e infâncias no cinema*. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

XAVIER FILHA, C. Violências contra crianças e adolescentes em "Anjos do Sol". In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Sexualidades, gênero e infâncias no cinema*. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

XAVIER FILHA, C. Violências e direitos humanos em pesquisas com crianças. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 41, p. 1569-1583, dez. 2015

Recebido em: 28 de outubro de 2019.
Aceito em: 27 de fevereiro de 2020.